

Padre Savino da Rimini e *Tra i selvaggi dell'Araguaya:*a viagem de um capuchinho italiano no Brasil do século XIX César Palma dos Santos

RESUMO: Tema do artigo é a viagem de um Capuchino italiano, Padre Savino da Rimini, no Brasil do século XIX, com o intuito de edificação, conforme uma tradição que vem desde o século XVI. São desse período os *Avisos Gesuíticos*, relatórios anuais do trabalho missionário, e as normas a serem observadas. Posteriormente também as outras ordens religiosas adequaram-se a essa exigência para manter em seus arquivos a história da catequização dos indígenas e para publicar livros para edificação dos fiéis. Apesar da finalidade religiosa, o relatório da viagem do padre Savino descreve com vivacidade e realismo o ambiente exótico e, muitas vezes, difícil e hostil de um país em fase de colonização. Essa, que nas intenções do autor do relato deveria ser a moldura, torna-se o tema central do artigo. Atenção especial é dada à linguagem, em seu aspecto comunicativo e no que diz respeito à reprodução de termos brasileiros e indígenas.

PALAVRAS-CHAVE: missionário; viagem; Brasil do século XIX; linguagem eclesiástica comunicativa.

Uma premissa: a viagem e a religião

A viagem como experiência inerente ao ser humano está inserida profundamente na formação da cultura religiosa ocidental judaico-cristã, seja no contexto do Antigo Testamento, seja no contexto do Cristianismo. A difusão inicial da religião cristã aconteceu, em um primeiro momento, graças aos contatos com viajantes e peregrinos em Jerusalém no Pentecostes e como se lê no episódio da conversão do eunuco etíope. Entretanto, foi somente após o primeiro Concílio em Jerusalém que a proposta de uma vasta difusão é considerada, começando assim o movimento de expansão em direção à bacia do Mediterrâneo Oriental e à capital do Império. Esta expansão ganha impulso com as viagens do próprio Paulo, chamadas de "viagens missionárias", embrião e inspiração para as futuras missões da Igreja oficializada.

Nos séculos seguintes com a institucionalização da Igreja em Roma foram muitos os missionários enviados às mais diversas regiões da Europa, visando a conversão dos povos bárbaros limítrofes ao território do Império.

Com as grandes navegações as atenções se voltaram para as terras do sul da África, o Extremo Oriente e, obviamente, para as novas terras americanas. Nas América a intenção era não só converter as populações autóctones, mas também manter a fé dos católicos que começavam a chegar como exploradores e colonos. Além disso, havia o perigo da difusão das idéias reformistas luteranas e calvinistas. O Concílio de Trento (1525-1563) estabeleceu as regras para o trabalho missionário levando à posterior criação da Sagrada Congregação para a Propagação da Fé (1622).

Os primeiros missionários chegaram já no século XVI, acompanhando o início da exploração mais intensiva do território americano; foram eles os principais cronistas do período por terem deixado relatos importantes sobre os índios, a natureza, mas também sobre os problemas da colonização, o genocídio de inteiras populações nativas, etc... Entre eles se ressalta a figura de frei Bartolomé de las Casas, cujos relatos testemunham como foram estabelecidas as relações entre espanhóis e índios.

Coincidentemente, o século XVI viu nascer a Companhia de Jesus, ordem marcada por uma organização de tipo militar, dado que seu fundador foi o ex-soldado espanhol Inácio de Loyola. Os jesuítas tomaram a frente na catequização do continente americano, tornando-se, nos dois séculos seguintes, uma força tão influentes a ponto de incomodar os interesses espanhóis e portugueses. No Brasil os missionários jesuítas estabeleceram missões que se tornariam núcleos urbanos importantes e foram os primeiros europeus a avançar para o interior criando condições para o posterior avanço português.

A necessidade de comunicação e organização foi fator preponderante no surgimento dos chamados "Avisos Jesuítas", cartas ou relatórios anuais que discorriam sobre o desenvolvimento do trabalho missionário. Estes "Avisos" eram enviados a Roma, ao Preposto Geral da Ordem e, a princípio, não eram destinados ao grande público por tratar-se de documentos oficiais, mas, com o tempo, parte deles acabou sendo traduzida para o italiano e divulgada.

Em seu artigo em Novamente Retrovato, Savini escreve que já em 1574 aparecem as primeiras normas precisas para a redação desses relatórios, de forma a constituírem um arquivo da Ordem; posteriormente, com a divulgação fora dos círculos jesuítas, aparecem também normas que definiam quais relatórios poderiam ser ou não publicados. Ainda segundo Savini, os textos para o grande público tinham objetivos claros:

Quelle che vennero tradotte in italiano e date alle stampe avevano soprattutto uno scopo di "edificazione" cioè di far conoscere l'attività missionaria, propagandarla, attirare nuovi giovani nelle file dei missionari ecc.

Nos textos para o grande público evitava-se apresentar questões burocráticas e políticas, ressaltando-se os aspectos mais espirituais do trabalho missionário, que serviam como uma forma de testemunho da difusão da fé católica no Novo Mundo.

Lidos nos conventos e nas igrejas italianas, esses "Avisos" tiveram grande importância no conhecimento do Brasil, contribuindo para a criação do imaginário europeu a respeito do país. Além disso, inauguram uma série de relatos de missionários e religiosos de diversas ordens e congregações que escreveram sobre a América e sobre o Brasil, na forma de relatórios oficiais, como trabalhos científicos ou, ainda, como testemunhos pessoais. Trata-se de um vasto material cujo estudo nos ajuda a conhecer e compreender melhor a formação do país, descobrindo (re-descobrindo) a nossa própria história sob a ótica religiosa.

É nesta tradição que podemos inserir o livro *Tra i selvaggi dell'Araguaya*, publicado no início do século XX, um compêndio das anotações de padre Savino da Rimini, capuchinho italiano que trabalhou durante 29 anos no interior do Brasil.

O autor

Padre Savino da Rimini nasceu na região da *Emilia-Romagna*, provavelmente nos arredores da cidade que adotou como nome; não há notícias de seu nome secular e as únicas referências à sua vida anterior à entrada no seminário são dadas em um breve histórico no preâmbulo do seu livro. O fato de falar tão pouco de sua história anterior explica-se por ele ter como principal objetivo narrar as próprias experiências na vida missionária, sempre se colocando como instrumento divino na realização da missão, mais do que como agente.

Seu livro é apresentado pelos editores como um grande compêndio de suas anotações pessoais recolhidas num manuscrito de mais de 1.500 páginas protocoladas, rico de descrições interessantes dos lugares, dos costumes e especialmente da fauna e da flora. O relato publicado é um grande resumo de tudo que o missionário escreveu durante a sua permanência no Brasil. Esse fato leva a um questionamento sobre o resultado final, sobre o nível de interferência dos editores e dos superiores da própria Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. Além de *Tra i selvaggi dell'Araguaya*, são poucas as referências históricas sobre a presença do missionário no Brasil; a primeira

informação foi encontrada no texto de frei Nelson Berto, Capuchinhos em São Paulo: tentativas de missões indígenas:

[...] Para substituir frei Mariano da Bagnaia, foi nomeado frei Sabino de Rimini. Como escreve frei Fidélis de Primiero, o missionário seguiu para lá passando por Piracicaba, Porto Alfredo e Lençóis.

O padre José Magnani, de Lençóis, o orientou no trabalho. Frei Sabino resolveu dar fim ao aldeamento Coroado, fundado por frei Francisco. Nesse tempo é proclamada a República. Frei Sabino volta a São Paulo. O presidente Prudente de Morais o recebe gentilmente, manda pagar-lhe as despesas da catequese; a República, porém, suprimiu outros gastos nesse campo. Frei Sabino permanece, por certo tempo, como coadjutor em Lençóis Paulista. Deu por encerrada sua missão no mês de julho de 1894 e voltou para a Itália.

Os fatos descritos por frei Berto coincidem com a narrativa de padre Savino nos últimos capítulos; provavelmente, outras referências podem ser encontradas nos registros oficiais da Ordem. No relato de Savino podemos encontrar somente suas experiências pessoais como missionário, suas impressões e sua visão do país, num relato escrito por obrigação, por obediência às ordens superiores, segundo ele próprio comenta:

E agora? Voltando depois de 29 anos de Missão, por comando da obediência escrevo um breve relato, protestando-me que se encontrando algo de bom, toda a honra deve-se unicamente a Deus, tudo aquilo que for erro e malfeito, deve-se atribuir somente a mim. Com tal intenção começo... (Preâmbulo - trad. minha)

Não se trata, portanto, de um relato impulsionado pelo desejo pessoal de descrever a viagem, a permanência em um país estrangeiro e as aventuras vividas ali; pelo contrário, tem o objetivo claro de ser uma obra para fins de informação oficial, de relatório final e, de certo modo, de formação. Mais que entreter um público ávido por descrições de terras distantes ou fazer um trabalho de cunho científico, a narrativa de Savino da Rimini centra-se unicamente no seu trabalho missionário, nas dificuldades encontradas para realizálo, nos esforços feitos, nos resultados concretos e nas graças recebidas. Não vai a outra direção; mesmo havendo uma necessidade de descrever as diferenças do país, suas belezas, sua diversidade de fauna e flora, suas diferenças culturais, esses elementos se transformam em uma moldura para o relato da atividade principal: a Missão. Uma moldura muito peculiar, que interage com as figuras do quadro a ponto de transformá-las.

Não somente o texto de padre Savino, mas também os de outros missionários capuchinhos apresentam o Brasil como uma terra abençoada por Deus, onde, porém, misturam-se o Paraíso e o Inferno. Paraíso por ser uma terra exuberante, com uma fauna e flora fantásticas, descritas como moldura para o trabalho missionário, mas que, em muitos casos, são um fator a ser vencido e dominado, visando a realização das catequizações. É Inferno quando esta mesma moldura passa ser vista como a causa do relaxamento dos costumes, visão talvez não expressa por padre Savino, mas presente em outros relatos. Um inferno abafado e quente que leva o homem civilizado à perdição, tornando-o um relapso, decaído. Essa é uma visão que podemos encontrar em relatos de missionários como o de frei Ilario da Verona, publicado no boletim *Il Massaia*, ou como as *Note di Viaggio* do visitador frei Timoteo Zani da Brescia. Talvez por ter como objetivo a missão entre os indígenas, padre Savino não apresente tão explicitamente o Brasil sob este prisma. No caso dos índios, ou selvagens, esta idéia que o meio influenciaria o comportamento humano do ponto de vista moral é muito mais contundente, pois tudo o que vem da cultura indígena é visto como maligno, obsceno e indigno, atributos de um povo que nasceu sob um sol tropical, em meio a florestas luxuriantes, cuja natureza humana se confunde com o meio e, portanto, é má.

Cria-se assim um cenário para o "jogo" entre o Bem e o Mal; a natureza selvagem e quase inexplorada em muitas ocasiões é vista como obstáculo a ser vencidos pelo missionário. É vista também como uma interferência maléfica nos "civilizados" levando-os à degradação moral e ao afastamento de Deus, contra os quais se deve lutar. Esta visão do Brasil condiz de certo modo com os estereótipos presentes na mentalidade européia desde a época dos Descobrimentos: para alguns havia a imagem de um Paraíso terrestre perdido, para outros um inferno quente e sufocante levando à perdição. Considerando a questão ideológica e dogmática, podemos encontrar essas definições claras em alguns relatos de outros missionários, nos quais o homem "civilizado" é apresentado como um ser decaído, relapso e os religiosos como heróis da Fé católica, prontos a salvar todos e conduzi-los ao seio da Igreja. Tem-se um exemplo destas afirmações no relato de frei Ilario da Verona publicado no boletim *Il Massaia* (junho/1928), no parágrafo em que descreve o *popolo sertanejo*:

Não é necessário acreditar que no povo reine uma moralidade discutível, onde tudo convida à liberação dos instintos mais baixos e onde a nudez se encontra instigada, tolhendo o pudor e preservação dos costumes. Depois, a falta do clero secular não poderia senão produzir os seus tristes efeitos, tanto na religião, como nos costumes. Por isso não se deve admirar se no sertão mais que nos centros populosos, existam muitos cristão que abandonados à si mesmos, cegados pelas próprias paixões (e arrastados pelo mau exemplo de quem deveria ter sido guia e mestre) ignorem até mesmo os princípios fundamentais da religião e da moralidade; e ainda não saibam o que é a confissão e a comunhão.

Não se deve admirar se muitos são os concubinatos e as uniões matrimoniais ilegítimas; se bem dificilmente se encontra um jovem que não esteja contaminado pelo peccatum bestialitatis; se até mesmo nos rapazes e moças encontram-se já os germes de uma corrupção precoce e terrível...

Assim sob este sol ardente, também são ardentes as paixões.

Este é o estado moral e religioso deste povo. Muito se fez pela sua regeneração moral, mas muito fica ainda por fazer. Se as tintas são um pouco carregadas a culpa não é minha. É a pura verdade e... ainda menos que a verdade.

Frei Ilario apresenta um povo perdido em meio ao sertão, num lugar quente, infestado por todo o tipo de inseto, com animais perigosos e parece querer explicitar a idéia de que o clima e a natureza, aliados à ausência da Igreja, influenciariam a moral, de que neste "inferno" os cristãos tornam-se relapsos e decaídos. E ele não é o único que mostra os sertanejos desta maneira; também em outros relatos publicados em Il Massaia aparecem populações perdidas na floresta, sem regras morais, com costumes devassos e contaminados pelas crenças e superstições indígenas.

Se o clima e o ambiente fizeram o cristão decair, quando se trata dos índios esta idéia toma outros contornos. Estes são decaídos por natureza, pois são nativos das matas, as suas crenças e costumes são apresentados sob a nuance do maléfico e do diabólico, devendo ser abolidos por força da obra missionária. A imagem do bon sauvage de que falava Montaigne cai por terra diante do ideário dos religiosos: para ser bom é preciso ser cristão e abandonar a própria cultura.

A atividade missionária torna-se a ponta de lança da civilização cristã, restaurando-a, preservando-a da corrupção e estendendo-a aos que estão fora dela. Mas é um trabalho árduo, dificultado pelas condições naturais, porém, impulsionado pela tenacidade dos religiosos e pela fé na assistência do Divino. Todas as dificuldades tomam uma dimensão religiosa, tudo é visto como uma forma de penitência a ser paga pelo bom êxito da Missão. No caso de Padre Savino, a penitência seria atravessar todo o Estado de São Paulo, o Triângulo Mineiro, Goiás e Tocantins para converter uma tribo perdida no Alto Araguaia. Ele vê tudo como tribulações que deve sofrer e, tendo uma dimensão espiritual, sente-se feliz por enfrentá-las, não se ressente e não desiste.

Na leitura de seu relato é preciso ter clara essa dimensão para compreendê-lo melhor. É preciso ter em mente também o público-alvo, os objetivos a que servia uma obra como a dele, que, além de um relatório oficial, poderia ser uma obra de cunho formativo para os noviços e missionários mais jovens, numa forma de render graças pelas atividades da Ordem. Mas sempre tem a missão como motivo principal. O próprio autor deixa claro que não faz outra coisa além de descrever a obra de Deus realizada através de si. A certa altura, escreve a seguinte nota de roda-pé:

A fauna e a flora do Brasil é de uma riqueza imensa, mas como o meu objetivo principal é de escrever a história da minha missão e não outra coisa, por isso me perdoarão os leitores se desta somente me ocuparei, falando somente de passagem das imensas belezas naturais. (p. 33)

Assim não se lê um relato elaborado de um viajante maravilhado em meio à floresta tropical, encantado com a rica diversidade de flores, árvores e frutos que, como informam os editores, era sua grande paixão. Ou, ainda, não se lê a descrição precisa e científica das peculiaridades da vida social brasileira do século XIX, porque, mesmo abordando alguns destes argumentos, o relato de Padre Savino é, acima de tudo, a história de um viajante determinado a cumprir aquilo que considerava a sua razão de ser. Alguém com uma personalidade forte que não mediu esforços para realizá-la e que, ao longo de vinte e nove anos, viveu todas as vicissitudes humanas no meio da floresta e dos índios.

Em sua estrutura *Tra i selvaggi dell'Araguaya* é um livro simples, dividido em 23 capítulos curtos, ilustrados por desenhos do próprio autor e algumas fotografias, com prefácio dos editores, um preâmbulo do autor e, no final, dois apêndices.

Para cada capítulo são dados títulos que ajudam o leitor a estabelecer o itinerário percorrido pelo autor. Nos sete primeiros há a descrição da experiência de viagem para o Brasil e dos primeiros contatos com o ambiente brasileiro que acontecem em Salvador e no Recôncavo Baiano, onde permanece de 1866 a 1868. Esse é período chamado de "longa parada"

Nos capítulos seguintes há a nomeação para a Missão e a viagem para encontrar os índios, feita em lombo de mulas e guiada pelos tropeiros, atravessando o norte do Estado de São Paulo, o Triângulo Mineiro, o Estado de Goiás e a região às margens do rio Araguaia, no território do atual Estado de Tocantins. É principalmente neste itinerário que se concentra a maior parte das descrições, impressões do contato direto de padre Savino com a paisagem e com a população, pois se subentende que, até esse momento, o missionário se encontrava sempre em meios religiosos com quase nenhum contato exterior.

Nestes trechos aparece o grande esforço do religioso no seu processo de adaptação a uma cultura com a qual deveria conviver por muito tempo. Neste sentido, é elucidativo o relato dos episódios em que ficam evidentes as suas dificuldades de adaptação, principalmente no que tange à alimentação, aos meios de transporte, à natureza, assim como as suas descobertas (das ferramentas, dos utensílios domésticos, etc...). Nestes capítulos ocorrem os primeiros contatos com as populações indígenas e se percebe claramente, nesses contatos, uma certa inocência da sua parte. São índios já "contaminados" pela presença

dos brancos (missionários e colonos) sobre os quais padre Savino mantém uma visão bastante idealizada.

Nos capítulos seguintes são narradas as experiências da missão entre os Carajá e os Carajás-Xambioás, que podem ser divididas em três etapas. Depois de longa espera e de confrontos com a burocracia, houve o período de estruturação e fixação da missão, culminando em sérios conflitos e na transformação da comunidade nascente em posto avançado do Exército. Padre Savino dá a entender que o seu trabalho de catequização foi frustrado pelos interesses de comerciantes maçons e colonos, que se opõem ao modo como dirigia a Missão. As dificuldades encontradas fazem com que o seu projeto de missão não se realize plenamente; acusado de massacrar os Xambioás e desiludido, o missionário se resigna a entregar a Missão.

Com a saúde debilitada parte para a Itália e recebe a primeira ordem para organizar o seu relato, provavelmente neste período o seu livro começou a tomar forma. Depois de um período de convalescença, retorna ao Brasil, encarregado de missões já estabelecidas, como comprova o texto de frei Nelson Berto. Nessas missões sofre novas derrotas, principalmente por causa de sua feroz oposição à maçonaria, que teria tentado matá-lo. Depois dessa tentativa, retorna definitivamente à Itália, onde vive até os seus últimos dias. Segundo o necrológio, padre Savino faleceu em dezembro de 1918, com 82 anos e 10 meses, dos quais 64 anos foram de vida religiosa.

Nos apêndices estão um artigo publicado no jornal La Patria de S. Paulo, sobre o retorno de padre Savino à Itália, que é assinado por C. F. de Souza Fernandes e datado em Lençóis em 3 de agosto de 1894; e a carta-necrológio escrita pelo Superior de Fano, em dezembro de 1918, notificando a sua morte.

O italiano de Padre Savino

Na análise de textos como os de padre Savino faz-se necessário refletir um pouco sobre a língua na qual foram escritos, o italiano. Bem como pensar sobre a sua importância na pregação da Igreja Católica.

A escolha dos vulgares como língua da pregação foi constante desde a Idade Média. Um primeiro exemplo são os Sermoni subalpini, escritos em vulgar piemontês no século XII. O princípio do uso de uma língua simples, acessível a todos era sempre reafirmado tendo defensores como Domenico Cavalca, no século XIV. A questão reaparece no Renascimento e mantém-se mesmo depois da Contra Reforma, mas, não obstante as discussões, ainda havia aqueles que procuravam manter-se fiéis a uma tradição da oratória mais clássica, usando o latim e depois o florentino.

Neste contexto deve-se ressaltar a importância de Francisco de Assis e de suas práticas; ele foi o exemplo mais contundente da busca de comunicação com a gente comum, usando a língua falada por ela. Mesmo se existem discordâncias a respeito da língua usada nas suas pregações fora da Úmbria, as suas obras mais famosas são em vulgar umbro. Na sua mensagem baseada na recuperação da humildade e da pobreza evangélica, na sua busca pela simplicidade, em um período no qual a Igreja se debatia principalmente em questões políticas, Francisco servia-se de uma língua clara e compreensível a todos, uma língua para transmitir as suas idéias e explicitar a redescoberta da novidade evangélica, seja aos pobres e iletrados, seja aos ricos.

Foi importante a contribuição franciscana na difusão do vulgar como língua de comunicação, mas não foi um exemplo isolado; outras ordens também se interessaram pela questão, no entanto, colocavam-na à luz de estudos mais elevados da oratória. Depois do século XV, mas sobretudo do século XVI, o debate sobre o uso de uma língua acessível ao povo cruzou com o debate sobre o uso do florentino e sobre as questões da língua comum, não ligada à Igreja e à pregação.

Nos períodos contemporâneos e posteriores à reforma tridentina (século XVI), foram confrontadas a necessidade de aproximação do povo e a manutenção das tradições latinas. Os defensores da idéia de aproximação pensavam no estímulo ao uso do florentino nas pregações e mesmo na tradução da "Vulgata" como uma maneira de combater o avanço da Reforma. Vale lembrar que um dos pontos defendidos por Lutero era o uso das línguas nacionais no culto e a aproximação dos fiéis às Escrituras através da tradução da Bíblia. Por outro lado a tendência mais conservadora pensava que o incremento da oratória seria um sinal de preservação da própria estrutura da Igreja como detentora do saber e da doutrina pura.

Sobre o próprio uso do florentino como língua de comunicação da Igreja aconteceram debates importantes para a escolha da variante lingüística a ser utilizada. Em lugar do florentino do século XIV, proposto pelas regras gramaticais sistematizadas por Bembo no início do século XVI, apresentava-se a opção por variantes mais próximas da língua falada pelo povo. De qualquer modo, a escolha de uma língua simples e elegante foi proposta por Francesco Panigarola (1548-1599) na sua obra "Il Predicatore" sobre o uso de uma língua que não fosse uma imitação do estilo dantesco, nem uma língua dialetal, vista como imitação burlesca e falsa do falar comum. No século XVII houve uma outra corrente que transformou a oratória em algo mais literário, sem as preocupações anteriores com a acessibilidade e simplicidade; pelo contrário, a escolha recaiu sobre uma língua mais áulica e elaborada, difícil de ser entendida pelos fiéis, uma língua que se adequava às disposições da Igreja no período posterior ao Concílio de Trento. Vale mencionar que naque-

le período era crescente a preocupação com a penitência, com uma vida sem muitas indulgências, e mesmo a língua, pesada e opressiva, servia para acentuar o temor dos fiéis. Neste período começam a nascer as ordens missionárias que, na Itália, se preocupam principalmente com as populações rurais, com a catequização e a valorização das devoções populares.

No século XVIII e início do século XIX nasceram novas ordens, preocupadas não somente com a educação religiosa, mas também com a formação dos jovens. As escolas mantidas por essas ordens deram uma grande contribuição à alfabetização e à difusão do italiano, lançando as bases para o trabalho posterior de institucionalização feito pelo Estado italiano após a unificação. No entanto, após este período a Igreja vê reduzido seu papel na difusão lingüística e na educação, graças, sobretudo, à grande laicização da sociedade que caracterizou o final do século XIX e início do século XX.

Paralelamente desenvolvia-se na hierarquia católica um processo de romanização das estruturas cada vez mais internacionais; o clero secular foi colocado sob o comando direto de Roma, com o intuito de evitar as tentativas de controle por parte de Estados laicos. Neste período fortaleceu-se na igreja um bilingüismo oficial: de um lado, o italiano assumia cada vez mais o papel de língua de comunicação internacional; de outro, o latim mantinha-se como a língua da liturgia e dos documentos oficiais.

Fora dos confins peninsulares os missionários utilizavam o italiano para comunicar entre si, com relatos de suas experiências e verdadeiros relatórios oficiais de suas atividades, contando, para isso, com o desenvolvimento das comunicações e da imprensa. Como parece claro no prefácio de Tra i selvaggi, havia um público interno da ordem que conhecia o italiano e o utilizava, bem como um público externo na Itália, mantendo-se assim a tradição instaurada pelos Avisos jesuítas. Cabe esclarecer que as missões tornam-se independentes dos Estados, tendo necessidade de manter-se através de uma vasta rede de cooperação dos fiéis de todo o mundo católico. A Igreja preocupa-se cada vez mais com o caráter eclesiástico das missões, baseadas na persuasão e depois na assistência humanitária.

Alguns aspectos relevantes na língua de Tra i selvaggi dell'Araguava

É indiscutível que a chegada dos europeus à América gerou um grande choque cultural, bem como um intenso intercâmbio. Este intercâmbio deu-se em todos os níveis e também no nível lingüístico, pois espanhóis, portugueses e outros colonizadores assimilaram às suas línguas uma grande quantidade de termos locais referentes à fauna, à flora e aos costumes. Assim, desde Colombo e os primeiros exploradores do século XVI, as línguas européias receberam um afluxo lexical contínuo de termos, que se foram adaptando às formas próprias do espanhol, do português, do italiano.

Segundo Adamo, foi o navegador italiano Pigafetta um dos primeiros a mostrar-se sensível às diferenças linguísticas, dando uma atenção especial a este aspecto em seu relato. Ao passar pelo Brasil, ele escreve:

In questa terra fummo rinfrescati con molti frutti, e tra gli altri battates [patate dolci], che nel mangiar s'assomigliano al sapor delle castagne: sono lunghi come navoni. N'avemmo ancora alcuni che chiaman pines [ananas], dolci, molto gentil frutti. Mangiammo della carne d'un animale detto anta [tapiro], il qual è come una vacca. Trovammovi canne da zucchero e altre cose infinite, le quali si lasciano per brevità.

Ou ainda:

Hanno le lor barche fatte di un sol legno, nominate canoe, cavate con alcune punte di pietre, le quali sono tanto dure che l'adoperano come facciamo noi il ferro, del qual essi mancano.

Ainda segundo Adamo, o navegador deu tanta importância a esta questão que colocou no final de seu relato um pequeno glossário de termos ligados ao âmbito alimentar e agrícola. É um dos primeiros contatos da língua italiana com termos como *mahíz, canoe* e outros que seriam incorporados com o passar do tempo. Um outro aspecto relevante no relato de Pigafetta é o modo como ele se utiliza de comparações na descrição daquilo que vê e experimenta, usando a realidade comum entre ele e o leitor, que dificilmente teria possibilidade de conhecer aquele mundo distante. É interessante notar que este mesmo recurso aparece na narrativa de Savino da Rimini, três séculos mais tarde.

É inegável que relatos como o de Pigafetta deram um grande contributo ao enriquecimento lexical do italiano, assim como relatos de viajantes posteriores ajudaram na difusão do italiano como língua de comunicação, dando-lhe uma maior flexibilidade e expandindo-o além dos padrões impostos nos séculos XVI e XVII.

Neste quadro se insere também a obra de padre Savino da Rimini, escrita em uma língua que tem como base uma certa tradição literária misturada com formas de florentino falado. Mesmo sem grandes nuances estilísticas, o autor consegue apresentar sua experiência em um italiano aceitável. Em *I percorsi della lingua italiana: la scrittura di viaggio, dalla tradizione alla modernità*, Loredana Caprara escreve:

[...] Padre Savino non ha pretese di scrittore, ma si legge volentieri; usa un linguaggio prevalentemente colloquiale, corretto, chiaro e scorrevole, privo di ricercatezze lessicali o sintattiche. Come diceva Giovanni Bosco, ai sacerdoti si conviene "stile semplice e dicitura popolare" elementi indispensabili per una efficace comunicazione con i fedeli. Non ci meravigliamo dunque se anche la relazione di padre Savino obbedisce a questa semplice regola. Ne vien fuori un'immagine ricca di dettagli delle regioni interne del Brasile nella seconda metà del secolo XIX.

O que chama a atenção em seu relato é justamente o resultado da falta do rebuscamento, uma série de ocorrências, essencialmente lexicais, que aparecem na descrição de paisagens, animais, utensílios e costumes, dando-lhe um colorido peculiar.

A partir de um levantamento dessas ocorrências, e do tratamento dado a elas na escrita em italiano, algumas questões são propostas e discutidas. O levantamento foi organizado a partir da leitura atenta do texto durante a sua tradução. Alguns recursos utilizados nas descrições têm como objetivo aproximar o leitor italiano de uma realidade física completamente desconhecida. É importante notar que, apesar de parecer secundário, o uso de alguns termos específicos pode ser considerado um atrativo a mais na leitura, ajudando a reforçar a sensação de maravilhamento da descoberta de um país estranho, com usos e costumes diferentes, mesmo que seja só através da leitura.

No caso de Tra i selvaggi dell'Araguaya, esse vocabulário é formado por termos do português e de línguas indígenas. Um português que já no século XIX se diferenciava muito do português de Portugal, uma variante brasileira com assimilações das grandes contribuições vindas das línguas indígenas, particularmente do tupi-guarani, e das línguas africanas trazidas pelos escravos, sendo o iorubá uma das mais fortes.

No entanto, o que se percebe na leitura é que, se houve ou não a preocupação em atrair o leitor com o elemento lingüístico, esta foi descuidada e secundária. No prefácio escrito pelos editores é afirmada a condição de compêndio do livro, tratando-se de uma compilação dos manuscritos de padre Savino. Segundo os mesmos editores a obra original não foi integralmente publicada por falta de recursos financeiros e pela grande quantidade de tratados de cunho científicos sobre o Brasil publicados na época. Parece que os editores estavam menos interessados nos aspectos de fundo científicos, do que nos aspectos morais. Entende-se até mesmo pelo preâmbulo escrito por Padre Savino que o livro se destinava a funções de cunho religioso como, por exemplo, dar testemunho aos noviços e a um grande público leigo e devoto, importante sustento financeiro das missões religiosas fora da Itália.

Assim o elemento lingüístico poderia aparecer acessório, sem preocupações com a tradução e a correção de significados, as quais poderiam vir a ser feitas ao longo do processo de compilação, e sem uma clara intenção de ser um elemento de atração do público.

No levantamento lexical conseguiu-se distinguir cinco categorias de soluções encontradas na transmissão de um vocabulário português para o leitor italiano. Vale atentar para o fato de que esse fenômeno está ligado basicamente aos substantivos, com raríssimas ocorrências de adjetivos. São elas:

a) A italianização de substantivos portugueses:

"Aldeia":

- [...] e da quella volta in poi non osarono più assalire le Aldee dei cristiani. (p. 74)
- b) A manutenção de substantivos em português acompanhada de explicações em italiano sobre o significado, com a descrição do objeto e suas funções:

"Engenho":

- [...] Ma quale non fu il nostro raccapriccio quando entrati nella gran sala dell'*Engenho* (dove erano le macchine per la lavorazione dello zucchero) [...] (p. 14);
- [...] Fummo condotti dapprima a visitare la gran salla dell' Engenho (o fabbrica di zucchero) che misurava un dugento metri quadrati [...] (p. 14).

"Pamonha":

A titolo di curiosità voglio far conoscere ai miei lettori un certo intruglio regalatomi in quell'occasione dal detto Sig. Olimpio, e ch'egli chiamava Pamonha. Si compone di formentone grattuggiato non peranco secco: questa massa di farina si condisce con zucchero, grasso di porco e con un poco di sale; si mescola bene, si avvolge in una foglia o di bananeira o di formentone, si lega bene e per un'ora si tiene a bollire in un caldaio di acqua. È una specie di torrone di color giallo paglia, che annaffiato da un poco d'acquavite, lo gustai e mi piacque, in quelle lontane regioni. Non so se piacerebbe egualmente in clima d'Italia qualora se ne volesse fare l'esperimento. (p. 107)

c) A italianização com explicações e comparações:

"Giacù':

- [...] e vedrà sui rami più alti un bell'uccello chiamato Giacù. [...] (p. 32);
- Il Giacù appartiene alla famiglia dei gallinacei, simile ad un nostro bel cappone, un poco più snello: [...] (p. 32);
 - [...] Era un Giacù, ma di specie differente e un terzo più piccolo dell'altro [...] (p. 33).
- d) A manutenção de vocábulos indígenas com ou sem explicações em italiano, dependendo do contexto em que ocorrem:
 - [...] quei monticelli sono le loro capanne; e quelle strisce sono le loro Ubas (canotti o piroghe). (p. 72).

Há ainda uma grande variação entre a manutenção da forma portuguesa e a italianização parcial do que tange à onomástica e à toponímia.

Em alguns casos, pode-se perceber que estas soluções não são originárias do autor do manuscrito, mas a certeza só seria possível em um cotejo entre os originais e a edição. Parece tratar-se do resultado final do processo de compilação e edição. Assim, muitas das observações feitas ao longo da leitura e da releitura do livro esbarram em elementos externos, propiciando, no final, uma grande variedade de recursos. Poder-se-ia pensar na possibilidade de uma edição mais cuidadosa que levasse em conta a correção lingüística, sem perder de vista a possibilidade da língua como um elemento estilístico.

Na edição final analisada, levou-se em conta também a questão da diferença gráfica entre uma língua e outra, o possível desconhecimento ou conhecimento parcial do português por parte dos editores e as prováveis dificuldades de compreensão da escrita do autor. Muitos vocábulos, presentes na lista final resultante do levantamento, sofreram alterações gráficas que podem ou não ser creditadas às diferenças gráficas entre as duas línguas. Por exemplo, para os termos facão, leitão, pão e travessão a nasalização aparece marcada com o acento grave: facão, leitão, pão e travessão; sempre em itálico, marcando sua origem portuguesa, porém em algumas ocorrências fação aparece fac_o, com o macron. Em moricoca (muriçoca) não é usada a cedilha que, no entanto, aparece em roça, cachaça, recadação (< arrecadação), com uma grafia correta, mostrando a falta de uniformidade na escolha e a despreocupação com os detalhes.

Pode-se considerar, obviamente, a hipótese de que padre Savino teria escrito tudo às pressas e sem muita segurança quanto à grafia correta do português; assim, na dúvida, parece que os editores mantiveram os termos estrangeiros como entendiam, tornando-se também "co-autores" Este fato faz com que mesmo alguns termos ligados a objetos do quotidiano do padre, ou comuns às regiões por onde passou, portanto sempre presentes, aparecessem com formas alteradas em diferentes pontos do texto. Os que não aparecem com frequência acabam sendo entendidos pelo contexto ou pelas explicações dadas em italiano. É o caso, por exemplo, de Lanzala = "abitazione degli schiavi" (p. 15). Esta grafia para senzala não foi encontrada no dicionários etimológicos consultados, que apresentam "sanzala (século XVII) e cenzala (século XVIII)" ambas vindas do quimbundo sanzala; a atual forma senzala parece ser uma combinação de ambas. A questão que se põe é: teria o autor escrito sanzala que erroneamente foi registrada lanzala pelos editores?

O livro de padre Savino faz parte de um rico patrimônio de relatos de religiosos, pouco explorado e conhecido. Certamente Savino não foi o único missionário cujas memórias foram publicadas; há, com certeza, um sem número de relatos, relatórios, cartas tão ricos

e interessantes quanto *Tra i selvaggi dell'Araguaya*. Muitos estão nos seminários, conventos e casas das ordens e congregações, esquecidos nas estantes de bibliotecas e nos arquivos aqui e na Itália; são importantes testemunhos sobre a formação do Brasil como Nação no que concerne à religião, à moral e a outros valores. Mais ainda, são peças importantes para entender a construção da imagem do país e de seu povo na Itália e na Europa como todo. O estudo aprofundado deste texto e de outros pode ajudar-nos a traçar a evolução do Brasil durante quinhentos anos e a compreender um pouco melhor a realidade em que vivemos hoje.

ABSTRACT: Tema dell'articolo è il viaggio di un cappuccino italiano, Padre Savino da Rimini, nel Brasile del secolo XIX, a fini di edificazione, secondo una tradizione che risale al secolo XVI. Sono di questo periodo gli Avvisi Gesuitici, relazioni annuali del lavoro missionario, e le norme a cui dovevano sottostare. In seguito anche gli altri ordini religiosi si adeguarono a questa esigenza per mantenere nei loro archivi una storia della catechizzazione degli indigeni o per pubblicare opere di edificazione dei fedeli. Nonostante l'inquadramento obbligatorio, la relazione di viaggio di padre Savino ritrae con vivacità e realismo l'ambiente esotico e molte volte difficile e ostile di un paese ancora in via di colonizzazione. Quella che, nelle intenzioni dell'autore della relazione, dovrebbe essere la cornice, è invece il tema centrale dell'articolo. Attenzione speciale è data al linguaggio, sia nel suo aspetto di comunicazione diretta, sia in quello di riproduzione di termini brasiliani e indigeni.

PAROLE CHIAVE: missionario; viaggio; Brasile del secolo XIX; linguaggio ecclesiastico comunicativo.

Bibliografia

- AA.VV. Novamente retrovato: il Brasile in Italia, 1500-1995. Associazione Italia-Brasile (org.). Roma: Presidenza del Consiglio dei Ministri, 1996.
- ADAMO, S. Viaggiatori italiani alla "scoperta" e alla "riscoperta" del Brasile. *Insieme*, Revista da APIESP (Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo), n. 9. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2002, pp. 19-49.
- BERTO, Frei Nelson, O. F. M Cap. Tentativas de Missões Indígenas. Província de São Paulo. (mimeo).
- CAPRARA, L. de S. I percorsi della lingua italiana: la scrittura di viaggio, dalla tradizione alla modernità. *Insieme*, Revista da APIESP (Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo), n. 9. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2002, pp. 133-143.
- GIUCCI, Guillermo. Viajantes do maravilhoso. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- GUAGNINI, E. Letteratura di viaggio e storia della letteratura. In: _____. Viaggi e romanzi: note settecentesche. Modena: Mucchi, 1994.

- GUAGNINI, E. Estudar a literatura de viagem (e os guias) hoje. In: CAPRARA, L. de S.; MOR-DENTE, O. A. Brasil-Itália: viajando entre duas culturas. São Paulo: Lemos Editorial, 2000.
- GUAGNINI, E. Viaggi d'inchiostro: note su viaggi e letteratura in Italia. Prato: Companotto, 2000.
- HOONAERT, E. Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800, ensaio de interpretação a partir dos oprimidos. Petrópolis: Vozes, 1974.
- KOSSOY, B.; TUCCI CARNEIRO, M. L. O olhar europeu: o negro na iconografia do século XIX. São Paulo: Edusp, 1994.
- LIBRANDI, R. L'italiano nella comunicazione della Chiesa e nella diffusione della cultura religiosa. In: SERIANNI, L.; TRIFONE, P. (org.) Storia della Lingua Italiana: i luoghi della codificazione. v. 1. Torino: Einaudi, 1993.
- RIMINI, S. da. Tra i selvaggi dell'Araguaia: memorie illustrate dei miei 29 anni di missione. 8.ed. Ancona: s.e., 1925.
- VERONA, Ilario da. O. F. M. Cap. Missione di Maranhao. Il Massaia. Bollettino delle Missioni Estere dei Minori Cappuccini, anno XV, n. 6, Roma, Junho, 1928.
- ZANI, Timoteo. (Timoteo da Brescia) O. F. M. Cap. Al Parà, Maranhào e Cearà (Brasile del Nord): note di viaggio. Milano: Lauzani, 1905.